

# Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra | 18 de março 2022  
Notas de apresentação do catálogo da exposição.

---

Raquel Vilaça<sup>1</sup>

A 9 de Abril de 2021 o Museu Nacional de Arqueologia inaugurava a exposição *Ídolos. Olhares Milenares*. Dela resultou um catálogo cuja apresentação, em Coimbra, ocorreu na FLUC a 18 de Março passado, apresentação essa que teve como suporte as notas expressas neste texto, para além de uma sequência de imagens então comentadas para um auditório que reuniu 46 pessoas.

Com mais de 350 páginas, o catálogo teve a coordenação científica de Primitiva Bueno Ramírez e de Jorge Soler Díaz (também comissários científicos da exposição), e como coordenadores de edição António Carvalho, Livia Cristina Coito e Maria José Grossinho. Importa dizer desde já que se trata de edição muitíssimo cuidada, tal como o são as imagens, de grande qualidade, vertentes a que não foi alheia a parceria editorial da Imprensa Nacional e Direção Geral do Património Cultural.

O catálogo abre com 9 textos introdutórios de índole institucional, a que se seguem os 15 contributos científicos sobre os quais se faz breve anotação neste texto, solicitado pelo Director do MNA, Dr. António Carvalho. Mas antes, deixem-me partilhar duas reflexões.

Em primeiro lugar, este não é um livro de autor, é um livro-catálogo, escrito com muitas mãos, cuja coerência assenta num lastro que gira em torno de um tema — a forma como foi representada, interpretada, evocada, ou insinuada a figura humana há 5 e 6 mil anos atrás — tema que é abordado por distintos olhares do presente, os de 23 investigadores ibéricos de distintas gerações.

Esses olhares dos investigadores são muito variados, ditados não só pela panóplia de formas, de tipos e de suportes, da mobilidade ou imobilidade que oferecem (objectos e arte rupestre), de matérias-primas (pedra, osso, marfim, ouro) e de materiais (cerâmicas), de cores (claras, escuras, em contraste) e de texturas (frágeis, compactas), de escalas de representação (objectos miniaturizados e representações de dimensão sobre-humana), mas também, e talvez sobretudo, porque os paradigmas teórico-

---

<sup>1</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

metodológicos e epistemológicos que os guiam (os investigadores) são de diferenciada natureza, como diferente é o “background” de cada um: têm de resultar leituras necessariamente múltiplas e até divergentes. Simplificando, esses corpos que as primeiras comunidades agro-pastoris e metalúrgicas conceptualizaram, os seus “Body worlds” (Robb e Harris, 2013), tanto podem evocar divindades, como antepassados, ou até pessoas concretas, numa maior ou menor incerteza, podendo também perpassar, nessa incerteza, entidades metamorfoseadas de referência onde a fronteira entre o humano e o animal nem sempre é inequívoca; serão manifestações de corpos protectores ou intimidadores, envoltos numa aura de sagrado, de magia, de memória, sempre de poder, de poderes.

Em segundo lugar, sendo este um livro-catálogo de uma exposição cumpre a insubstituível função de a prolongar, à exposição, no tempo. Uma exposição, digna desse nome, não importa se grande ou pequena, com objectos fantásticos ou o seu contrário, nunca o é através de uma mera mostra de “coisas” sem histórias contadas: é o discurso museográfico, ou a narrativa escrita, ou ambos, que as contam. É óbvio que registos fotográficos, em vídeo, ou em outros tipos de suporte são importantes testemunhos para o presente e o futuro. Mas um catálogo, ainda para mais eloquentemente ilustrado como este, não só permite que a exposição exista para além dela, como lhe confere, essencialmente, densidade interpretativa — que aqueles tipos de suportes não contemplam — densidade obtida através dos textos que incorpora. E este é o ponto. A exposição e o catálogo destinam-se a visitantes e a leitores, mas essa projecção pública só encontra legitimidade social se suportada por aturada investigação, consequente e de qualidade e que só pode ter um fim: a sua publicação. Um catálogo, este catálogo, cumpre também essa exigência.

Em suma, na forma e no conteúdo, na mensagem escrita e na que se expressa pela imagem, este catálogo permite-nos chegar mais perto de um tema riquíssimo com comprida historiografia, que o banalizou através da expressão “Ídolos”. Que me recorde, antes do trio de exposições levado a cabo pelo MARQ, MARCM e MNA, o tema dos Ídolos nunca tinha sido alvo de tratamento monográfico por parte de um museu peninsular, a não ser o Museu Arqueológico Nacional (Madrid) que, a 16 de Dezembro de 2009, promoveu e acolheu, o interessante debate em torno dos *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas* (coord. de C. Cacho, R. Maicas, E. Galán e J. A. Martos) e do qual resultaram seis textos, naturalmente, também, com distintos olhares.

Como referi, são 15 os textos científicos reunidos neste livro. Entre cada um há um separador com a imagem de um ídolo, por norma respeitante à temática específica do texto que se segue, mas essa nem sempre é a regra. Não se pretende comentar em pormenor cada um desses textos, porque nem o tempo nem as circunstâncias o permitem, mas tão-só, enunciá-los, acompanhando-os de brevíssimos comentários.

O primeiro, dos coordenadores científicos, **Primitiva Bueno e Soler Díaz**, intitula-se *Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo Ídolos. Olhares Milenares*. É um texto de carácter geral e abrangente sobre os diversos testemunhos de ídolos ibéricos, suas tipologias e geografias, seus significados, que são perspectivados num enquadramento mais amplo, de fundo europeu e mediterrâneo.

A cronologia genérica dos ídolos em apreço concentra-se entre a segunda metade do 4.º milénio e meados do 3.º milénio a.C., o que não dispensa uma incursão mais recuada no tempo. Efectivamente, o contributo de **Mariana Diniz** sobre *A figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico antigo, da Valada do Mato (Évora, Portugal), ou a importância do corpo humano* vem lembrar que nessa altura (finais do 6.º e inícios do 5.º milénio) figurinhas de barro decoradas com pasta branca (no caso, à base de osso moído) trajadas e com representação de colares estão presentes em espaços do quotidiano como o foi o povoado de Valada do Mato (Évora).

A representação antropomórfica nem sempre é óbvia, porém. Se o é com a graciosa estela alentejana do Crato, de traço humano (divulgada em trabalho pioneiro de Leite de Vasconcelos, 1910), que abre o texto *Olhares inesperados. A estela antropomórfica neolítica do Algar do Bom Santo (Lisboa) no seu contexto funerário e ritual*, da autoria de **António Faustino Carvalho**, o que nele encontramos é um outro testemunho, de facto, inesperado: trata-se de um monólito com mais de 2,5 m de comprimento existente na “Sala das Pulseiras” daquela importante gruta natural, importante a diversos títulos, e que o autor considera ser uma estela com carácter antropomórfico em conexão com um altar.

Segue-se o único texto que não se debruça sobre o Sul do território português, da responsabilidade de **Maria de Jesus Sanches, Joana Teixeira, Helena Barbosa e João Perpetuo**. Em *Trespasando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-História recente do Norte de Portugal* encontramos um conjunto de idoliformes, móveis e imóveis, desde os insinuantes oculados rupestres da serra de Passos (Mirandela), que as autoras e o autor denominam de “máscaras faciais”, até outros, alguns praticamente inéditos, como os seixos-ídolos de um dos monumentos megalíticos de Chã de Arcas (Vila Pouca de Aguiar) — talvez o conjunto megalítico mais (ou entre os mais) importante escavado na última década —, e ainda as cerâmicas oculadas ou o santuário (desfeito) do Cabeço da Mina (Vila Flor), este possivelmente o que reunia o maior conjunto de estelas da Península Ibérica concentradas num só lugar.

Voltamos a encontrar uma abordagem monográfica no texto *O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia*, escrito por **Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves e José Morais Arnaud**. Esta equipa que estudou o icónico sítio calcolítico da Estremadura, e que veem nele um povoado fortificado, confronta-se com o inusitado número de mais de 100 ídolos cilíndricos em pedra e osso, com

e sem tatuagens faciais, para além de várias estatuetas de argila associados a núcleos de habitação. Testemunho de cerimoniais e até de altares domésticos, ou expressando actividades de fabrico desses objectos em contexto de povoado, sublinhe-se, são hipóteses que, justamente, colocam.

**Ana Catarina Sousa**, no texto seguinte, fez um caminho distinto para chegar perto dos ídolos. Não entrou em vitrinas ou reservas de museus, não perscrutou as paisagens neolíticas, megalíticas, calcolíticas, nem sujou as mãos com terra, mas explorou esse manancial informativo que são os arquivos históricos da Arqueologia portuguesa, designadamente o Arquivo Leisner, que conhece profundamente. E se tivermos presente o papel que Georg e Vera Leisner desempenharam no estudo do megalitismo entre as décadas de 30 e 60 do século passado, não esquecendo, outrossim, que nesse fenómeno cultural entidades idoliformes, seja na versão artefactual, seja na da componente arquitectónica, são recorrentes, então percebemos ainda melhor o papel que os arquivos históricos podem ter no domínio da temática que nos ocupa. É essa uma outra forma de fazer arqueologia.

Sobre aquela primeira versão, a artefactual, trata o texto de **Victor Gonçalves** intitulado *A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular (3200-2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal*. Indissociáveis do megalitismo, mormente do alentejano, estas são peças que se contam na ordem dos milhares, sobre as quais já muito se escreveu, que continuam a suscitar debate. Entre aquele número, apenas dois casos encontravam-se sobre o peito dos inumados, admitindo-se que poderiam ser figurações deles ou de seus antepassados. O projecto PLACA NOSTRA que este professor da Faculdade de Letras de Lisboa vem desenvolvendo há largos anos tem explorado, tal como o seu depoimento, diversas frentes em torno das placas, nomeadamente o que são e o que não são, onde se fabricavam, critérios de classificação, cronologias, etc.

São ainda objectos idoliformes associados ao megalitismo, tão ou mais enigmáticos, quer dizer, difíceis, os que encontramos no contributo de **João Luís Cardoso**, *Os "báculos das sociedades agro-pastoris do Sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.* Importa dizer que se trata da primeira síntese detalhada, aprofundada e consistente sobre esse tipo de peças que, ao contrário daquelas, reúne apenas c. de 40 exemplares conhecidos, possuindo também uma cartografia bastante mais circunscrita (sobretudo Alto Alentejo com incursões na Estremadura e pontualmente na Andaluzia). Quase sempre decorados, o autor sistematiza-os com base nesse atributo em 3 grupos, abordando entre outras pertinentes questões as relativas ao fabrico e reaproveitamento, às suas formas e escalas, à sua representação em suportes cerâmicos e pétreos, incluindo arquitecturas megalíticas.

O texto *Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz)*, que **António Valera** escreveu, espelha bem (um)a

realidade deste centro alentejano agregador de comunidades, dominado por arquitecturas em negativo de diverso tipo, mas onde os fossos são elementos estruturantes na arquitectura conceptual. Tendo proporcionado um invulgar conjunto de peças de natureza ideográfica e simbólica muito rico, pela quantidade, diversidade (13 categorias formais, com antropomorfos e zoomórficos) e matérias-primas, incluindo exóticas (marfim, mármore), bem datado por radiocarbono, seria caso para dizer que (quase) todo o mundo idoliforme da viragem do IV para o III milénio a.C. encontrou — e criou — nos Perdigões um lugar de negociação de encontros.

Chegados aqui, é legítimo perguntarmo-nos quais são os espaços, não de manipulação e de deposição dos ídolos, mas de seu fabrico e, inclusive, de reaproveitamento. Os textos de Victor Gonçalves e da equipa de VNSP, tal como o comentado antes, já tocavam a questão, mas **Marco Andrade, Catarina Costeira** e **Rui Mataloto**, no texto *À sua imagem e semelhança. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e. no Sul de Portugal*, recolhem as informações disponíveis a propósito daquele aspecto, dando destaque a sítios onde se registaram peças apenas esboçadas ou inacabadas, locais de produção, concretamente de placas de xisto, como, por exemplo, Águas Frias (Alandroal). Este é um texto que nos transporta para biografias longas e complexas de determinadas peças com várias pré-formas, fora de ambientes funerários, ou para-funerários, aqueles onde por norma estão presentes.

Por contraste, **Leonor Rocha** centra-se exclusivamente no mundo da morte. Em *Tributos aos deuses: os ídolos em contextos funerários de Pré-História recente do Sul de Portugal* a autora analisa e discute, socorrendo-se de apoio essencialmente gráfico e cartográfico, a distribuição dos espólios votivos e sua diversidade por uma não menor variedade de contextos funerários, como monumentos megalíticos (também eles bem diversos), monumentos de falsa cúpula ou *tholoi*, hipogeus e grutas.

No Sul de Portugal o Alto Alentejo destaca-se pela particular concentração de placas de xisto, mas também por peculiares placas de grés (como a que ilustra a abertura deste capítulo) que nos interpelam, por vezes, numa atitude, diria, de alguma timidez, gentileza até, pelo olhar, pela inclinação da cabeça, pela posição dos braços... No Nordeste dessa região a paisagem cultural do Neolítico e Calcolítico é ainda marcada por alguns abrigos pintados onde sobressai a cor vermelha. O texto *Monólogos entre ídolos-placa e pinturas esquemáticas na serra de S. Mamede (Alentejo, Portugal)*, de **Jorge Oliveira**, analisa essa co-existência e proximidade geográfica, procurando rasto e sentido para uma aparente conexão cronocultural, porém, com “mensagens simbólicas assumidamente distintas”, conclui.

Resta-nos uma região, o Algarve, pois foi entendido pelos coordenadores dispensar as três Beiras — a Alta, a Baixa e a Litoral — nas quais, todavia, (outras) manifestações idoliformes também criaram

(outros) espaços e (outras) paisagens neolíticas e calcolíticas. **Rui Parreira** e **Elena Morán** encarregaram-se dos *Ídolos e manifestações do sagrado no 4.º e 3.º milénios a.n.e. no território de Alcalar (Algarve, Portugal)* que se distribuem por mais de 15 sítios distintos, entre povoados, monumentos dolménicos, *tholoi* e hipogeus desta região, tão singular, em torno da baía de Lagos, os quais proporcionaram diversos ídolos cilíndricos, placas de xisto, ídolos-planos, ídolos-sandália (excepcionalmente de ouro), ídolos-falange e bétilos.

Numa retrospectiva, e antes de o catálogo encerrar com o texto de **Ángel Rocamora Ruiz** intitulado "*Ídolos. Olhares Milenares*". Projeto museográfico temporário, no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), no qual, justamente, temos esse outro lado que é também o nosso, enquanto visitantes, **Primitiva Bueno Ramírez** e **Jorge Soler Díaz** voltam ao nosso encontro, deixando-nos uma visão de conjunto sobre as cerca de 165 peças que deram corpo à exposição.

Uma geografia abrangente, embora de feição marcadamente meridional, com inúmeras peças de figuras humanas, para-humanas e de animais, onde paira, umas vezes mais, outras vezes menos, um lastro de ambiguidade. Um legado artístico excepcional com imagens fixas, que apelariam à mobilidade dos humanos, mas na sua maioria em suportes móveis, que os humanos transportariam com eles, na pequena ou na grande escala. As leituras só podem ser diversas: ídolos, representações ideológicas, idoliformes, antepassados, entidades tutelares, divindades, mágicos, humanos divinos, que humanos, gurus, outros... Quem terá razão? É o leitor que escolhe!

Porquê? A resposta é simples: porque estes "Olhares Milenares" são "Olhares do Presente". Esses olhares milenares não são entidades formadas, fechadas, materializadas, porque também incorporam em si uma componente imaterial que não vemos. Especialmente conservadoras, umas, outras expressando particular desvio à norma, todas se sujeitaram a interpelações que não controlamos. São entidades que se foram também imaginando e transfigurando, i.e., vistas de modo distinto, no tempo presente, sempre face a novos olhares.

E, se esses olhares do presente se tivessem prolongado no tempo que se seguiu ao dos humanos do 4.º e 3.º milénios a.C., verificaríamos que quase todos os personagens subjacentes a esses olhares milenares tinham saído de cena, para dar lugar a outros, muito poucos, numa drástica redução numérica, quiçá de condenação de memórias, de simbolismos em perda. O 2.º milénio é um milénio quase anicónico, não fora a proto-estatuária que então se afirmaria.

Catálogo e exposição, exposição e catálogo deixaram-me um sentimento contraditório. Deslumbramento, e até emoção, por ter visto reunidas sob a cúpula protectora dos Jerónimos uma

constelação de peças de enorme riqueza cultural e interpelação estética; alguma frustração por aquelas que aí não encontrei nem vi escritas. Outros olhares milenares seriam possíveis, mas já se sabe que é sempre necessário fazer escolhas.

A terminar, impõe-se uma nota muito positiva, estando de parabéns todos os envolvidos, pessoas e instituições. O MNA, com a exposição que organizou e o catálogo que editou, cumpriu uma das suas funções. Ademais, e de não menor importância é o sub-título deste catálogo: *O estado da arte em Portugal*, pelo que estudantes e investigadores têm agora, e pela primeira vez — eu tive —, uma síntese moderna sobre um tema que as narrativas sociais dos 4.º e 3.º milénios a.C. não podem dispensar.